

Literatura e história: um diálogo interdisciplinar em “Cunhataí”

Zélia R. Nolasco dos S. Freire

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS

zelianolasco@uems.br

Resumo

Esta comunicação volta-se para a reflexão sobre as fronteiras presentes na obra “Cunhataí”: um romance da Guerra do Paraguai (2003), da escritora Maria Filomena Lepecki, mais especificamente para o diálogo entre as áreas da literatura e da história. Por colocar em diálogo e confronto aspectos ficcionais e históricos, uma vez que os mesmos fatos são tratados sob maneiras diversas, isto é, os acontecimentos da Guerra do Paraguai tornam-se um fio condutor de aspectos ficcionais e aspectos históricos. Já que a relação que existe entre um romance e o fato que o desencadeou é sempre muito discutida, pois é sabido que a linha que separa a história da ficção é tênue. As áreas de literatura e história sempre estiveram justapostas e recorrentes, e hoje com muito mais frequência assumem essa relação dialógica, visto que a literatura comparada recupera, na prática, os princípios da historicidade, tendo em vista, também, que a literatura é o lugar, por excelência, da identidade dos povos. Assim, nesse espaço comum, fronteiro, em que a ficção e história se complementam e se influenciam por meio da linguagem utilizada pela escritora, é possível refletir sobre “a realidade humana em sua plenitude”, conforme nos fala Edgar Morin (1997).

I. Introdução

A literatura aqui é enfocada como forma de conhecimento do homem e do mundo e também como linguagem artística, além de ser uma proposta de (de) marcação dos aspectos identitários de uma cultura sul-mato-grossense. Com isso aproprio-me das palavras de Edgar Morin (1997):

A literatura teria essa superioridade sobre a história e a sociologia; ela considera os indivíduos como inseridos num meio, numa sociedade, numa história pessoal [...] ela trata os seres enquanto sujeitos, com suas paixões, seus sentimentos, seus amores, todas as coisas que, falando do singular, do concreto, das individualidades, são mais facilmente apagadas pela sociologia. Aí reside sua superioridade: em Proust, em Balzac, Dostoiévski e em tantos outros vocês têm a realidade humana na sua plenitude.

Aristóteles em sua *Poética*, já reconhecia que o ofício do poeta consiste em representar o que pode acontecer, ao passo que o do historiador é narrar o que efetivamente acontece. Sabe-se que a literatura é antes de tudo um fenômeno estético, mas é também uma manifestação cultural. Daí o fato de ser uma possibilidade de registro da trajetória do escritor e também de sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo. Embora nós saibamos que a literatura não tem compromisso com o real, isto é, com a verdade dos fatos, ela constrói um mundo singular e que o leitor a partir daí encontra outras alternativas para a constituição da realidade que motiva a arte literária e com isso se abre novas possibilidades de interpretação do real.

As áreas de Literatura e História, mais do que nunca, nos propiciam um diálogo produtivo. Principalmente, porque tanto uma quanto a outra se valem da linguagem,

ambas são constituídas de material discursivo. Esta pesquisa tem por base a teoria do romance histórico criada pelo escritor inglês Walter Scott e depois se ampliando com os estudos de Seymour Menton, Angel Rama e outros. Partimos do princípio de que qualquer história (story) apenas ganha o status de existência enquanto narração. Sendo assim, constata-se que tanto na teoria literária quanto na história, investigar os entrecruzamentos da literatura e da história é uma tarefa bastante produtiva, pois nos possibilita um diálogo entre as áreas do conhecimento.

A análise aqui proposta volta-se para uma visada nos acontecimentos históricos da Guerra do Paraguai, procurando resgatar o fato histórico não somente para concordar com a tradição, mas, também, para questionar os fatos veiculados. É um episódio importante, ocorrido na região de fronteira do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e acredita-se, ainda, pouco estudado. Pretende-se analisar no romance *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai* (2003), da escritora Maria Filomena Lepecki que trata deste acontecimento, as fronteiras entre literatura e história. Na concepção de Linda Hutcheon (1991), estas novas normas do fazer literário divulgadas, principalmente, a partir da década de setenta, estão ligadas diretamente à estética da pós-modernidade. Com isso, a análise aqui proposta propiciar-nos-á o conhecimento de um fato histórico importante para a região de fronteira e também, possibilitar-nos-á o conhecimento da cultura sul-mato-grossense veiculada na obra ficcional.

II. Contextualizando a autora e a obra *Cunhataí*

Todo saber é produzido a partir de determinadas condições históricas e ideológicas que constituem o solo do qual esse saber emerge. Toda interpretação é feita a partir de uma dada posição social, de classe, institucional. Com isso deduzimos que os textos não podem ser dissociados de certa configuração ideológica, na proporção em que o que é dito depende de quem fala no texto e de sua inscrição social e histórica.

REIS, Roberto apud JOBIM, 1992, p. 69

Conforme Edgar Morin (1997), “a superioridade da literatura sobre a história e a sociologia” é possível porque “ela considera os indivíduos como inseridos num meio, numa sociedade, numa história pessoal”, E, é exatamente isso que encontramos quando iniciamos a pesquisa sobre a autora de *Cunhataí*. Quanto à vida da escritora cuiabana e também médica oftalmologista Maria Filomena Bouissou Lepecki, pouco se sabe. Tudo que se sabe a seu respeito encontra-se em dados fornecidos por ela própria em ocasiões de lançamento de seu livro, em entrevistas fornecidas, além do registro escrito na orelha de seu livro. A escritora nasceu em março de 1961, na cidade de Cuiabá, estado de Mato Grosso, e formou-se em medicina no Rio de Janeiro, profissão que exerceu por quinze anos, mas como, desde quando se formara, tinha que acompanhar o esposo nas diversas mudanças de uma cidade para outra, resolveu investir em outro ramo, em algo que – segundo ela mesma disse– pudesse ser feito em qualquer lugar do mundo e, então, iniciou a conquista de um sonho que tinha há tempos: escrever. Com isso, adentrou-se no mundo da escrita, realizando seu sonho com sucesso na literatura nacional.

A escritora cresceu ouvindo a avó contar antigas estórias do tempo de sua bisavó, já adulta e conduzida pelo fascínio que sempre teve pela História, dessa vez, com H e maiúsculo. Embrenhou-se pelo mundo das pesquisas e descobre que seu tataravô fora médico militar na época em que Cuiabá esteve isolada pelos paraguaios –durante a Guerra do Paraguai. O mesmo conseguiu desenvolver uma vacina contra a varíola,

doença que matava a população e, então, decide mergulhar nesse universo, sendo conduzida, voluntariamente, em uma excursão pelo mundo das artes. Decidida a escrever um romance que tivesse a guerra como pano de fundo da narrativa, na procura de “preencher as lacunas da História com a ficção”, palavras da própria escritora durante o lançamento em Dourados. Pelo que se percebe, a escritora decide mergulhar no universo histórico da Guerra do Paraguai e decide fazer parte de uma expedição militar que refez a pé, o mesmo percurso das tropas brasileiras durante a guerra, refazendo toda a trajetória, colhendo informações, dados e detalhes que transporia para sua narrativa. Toda essa seleção de material fez com que *Cunhataí* levasse cerca de três anos e meio para ser totalmente escrita, com um total de 400 páginas que segundo a professora Luiza Mello de Vasconcelos, seduz o leitor de tal forma que este perde a noção do tempo ao “devorar” suas páginas.

O nome *Cunhataí* vem de cunha. Palavra guarani cujo significado é mocinha nova, menina-moça, em pleno florescimento, bonita, pronta e aberta para o sentimento do amor, pronta para a vida. Foi escolhido justamente por causa da personagem principal, que ao longo da narrativa, das muitas dificuldades vividas por ela, encontrará o amadurecimento e, juntamente com esse, sua própria identidade. Com um título bastante sugestivo –que une ficção e realidade– *Cunhataí* foi apreciada e julgada por outros nomes consideráveis da literatura e da crítica literária brasileira. Entre tais nomes figuram os de: Tânia Franco Carvalhal –referência internacional em Literatura Comparada–; Beatriz Resende do *Jornal do Brasil*, Carlos Graelli da Revista *Veja*, o crítico Daniel Piza do estado de São Paulo e Carlos Heitor Cony.

III. *Cunhataí*: um novo romance histórico?

...as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças. Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir de verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura, e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção, esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo.

LINDA HUTCHEON (1991: 141)

Surgindo no início do século XIX, o romance histórico caracteriza-se pela reconstrução dos costumes e fala do passado, misturando, no processo ficcional do enredo, personagens históricos e de ficção, revelando um caráter de desconstrução irônica da história oficial, pautada pelo diálogo com as produções culturais anteriores, procurando respeitar a cronologia dos fatos históricos, mas, ao mesmo tempo, imprimindo-lhe a inferência ficcional do autor sobre os fatos apropriados. Ao longo da história as fronteiras entre o texto narrativo ficcional e o texto narrativo historiográfico nem sempre foram claras. Ambos são discursos que, em princípio, opõem-se radicalmente. Já que este como discurso pré-existe ao romance histórico e mantém um compromisso

com aquilo que o historiador julga ser verdadeiro, isto é, a sua versão dos fatos, o discurso ficcional, por sua vez, leva em conta, a veracidade e a verossimilhança.

O conceito do vocábulo grego *historía*, cujo significado é *conhecimento por meio de uma indagação*, derivado de *histor* que significa *sábio ou conhecedor* pode ser encontrado na Enciclopédia Britânica do Brasil. Através da qual tem o acesso à definição do termo *História* enquanto disciplina que se ocupa do estudo dos fatos relativos ao homem ao longo do tempo, e que se baseia na análise crítica de testemunhos concretos e verídicos. Opõe-se a certas formas de ficção narrativa, como o romance histórico, pois a história, ao mesmo tempo em que é uma criação literária, busca refletir a verdade dos fatos ocorridos e registrados. É oportuno aqui retomar Aristóteles quando o mesmo diz “que o ofício do poeta consiste em representar o que pode acontecer ao passo que o do historiador é narrar o que efetivamente acontece”. Desse modo a história teria a incumbência de transmitir objetividade, com uma interpretação crítica e racional dos fatos, considerando-se portadora de valores éticos, políticos ou religiosos, fundamentais para a transmissão da ideologia social. Em oposição a ela encontra-se a história não científica, a narrativa subjetiva, com elementos inventados ou interpretados arbitrariamente, denominada ficção.

Desse modo, o que é considerado romance não pertence ao mundo daquilo que é conceituado como “verdade”, mas sim ao reino da pura imaginação, conhecido como ficção, mesmo que em sua criação o escritor utilize a história como pano de fundo para a construção de um enredo. Isso, porque o romance histórico recupera os signos emitidos pelo fato histórico, revelando o espaço da existência humana e da procura do homem em firmar sua identidade nacional. O mesmo não leva em conta o tempo cronológico da história, rompendo a identificação da temporalidade ficcional com a temporalidade histórica e ao mesmo tempo revelando um caráter de desconstrução irônica da história oficial utilizada, o discurso da história, enquanto científico, busca apenas uma univocidade.

Letícia Malard em seu ensaio intitulado, *O Factual e o Ficcional: literatura e história*, apresenta a fala de quatro historiadores de valores reconhecidíssimos, são eles: o historiador italiano Jacques Le Goff, o francês Roger Chartier, o inglês Peter Burke e o norte americano Hayden White. Em síntese a posição de cada um deles pode ser resumida da seguinte forma: Chartier acha equivocada misturar ficção e história, pois o historiador deve respeitar o passado nos termos daquilo que existe documentado; Burke entende que o historiador deve equilibrar-se entre estar colado à evidência e ter imaginação para interpretar fatos brutos; White julga que a mistura entre história e ficção existe, pois o passado é uma construção da linguagem. (Malard 1997: 21). Ainda sobre o novo romance histórico Malard afirma em seu artigo *Romance e História/ Revista Brasileira de Literatura Comparada N° 3*, p. 147, que conduzem a um desdobramento no âmbito da Literatura Comparada, permitindo a utilização de recursos literários quase sempre presentes na tessitura do romance moderno como o da heteroglossia, do monólogo interior, do discurso direto livre, da epístola, da intertextualidade e de tantos outros que fazem parte do próprio processo antropofágico de criação literária, em que se deglute o outro, para logo depois se opor a ele produzindo algo totalmente novo, devolvendo-o transformado, reconstituído, pois tudo o que passa se transforma, já que o escritor faz combinações, cria e ao devolver o que deglutiu a realidade, isso vem recriado.

Esse processo dialógico com as produções culturais anteriores é conceituado por Bakhtin como dialogismo, possibilitando a utilização dos recursos como a polifonia, a intertextualidade, a heteroglossia, constituída pela multiplicidade de cada categoria, no

processo constitutivo de toda e qualquer linguagem e condição para a inteligibilidade dos discursos aonde não há apenas uma voz condutora no texto, mas um entrecruzar de vozes que permite, no caso do Novo Romance Histórico, a costura de gêneros em que tanto o verso como a prosa, a epístola e a citação; a heteroglossia e a multiplicidade de narradores, essa variedade de recursos estilísticos estejam presentes no processo construtivo da narrativa moderna. Desse modo, pode-se dizer que *Cunhataí* é uma narrativa moderna, pois todos esses recursos estão presentes em seu interior e, automaticamente, pode-se caracterizá-la como sendo um novo romance histórico.

Maria Filomena B. Lepecki ao tratar da Guerra do Paraguai, dialoga com a produção histórica, fazendo com que as personagens sejam encaixadas na história de vida das personagens fictícias, com as quais mantém diálogo e convivência, compartilhando momentos que as unem por laços de amizade, o que, de certo modo, constitui-se uma dessacralização da história contada e tomada como intertexto. Sendo assim, para Menton (1993), a ficção latino-americana surgiu como um subgênero de romance histórico, ficando conhecido como *Novo Romance Histórico Latino-americano*, segundo ele o Novo Romance caracteriza-se pela releitura crítica do passado, pela intertextualidade paródica ou dessacralizadora, revelando vozes silenciadas por contingências de gênero ou classe, entre outras.

Cunhataí tem um fato histórico como referente e apresenta alguns personagens históricos que presenciaram esse traumático episódio, no qual tanto a história quanto a ficção convivem num mesmo espaço a fim de resgatar um momento passado. Com a presença de personagens históricas há a possibilidade de promover a verossimilhança e veracidade, valorizando o fazer ficcional ao mesmo tempo em que proporciona ao leitor um grande desafio. Isto é, a leitura do presente dentro de uma releitura crítica do passado histórico reconstituído através da ficção, pois ao utilizar-se da ficção para preencher as lacunas da história oficial, sem deixar de constituir-se numa releitura do passado sob a ótica contemporânea, não deixa de ser também uma releitura crítica do passado à luz do conhecimento do presente. Já que ninguém toma como mote a história da guerra do Paraguai e a reescreve, sem ter ao menos, por mínimo que seja, conhecimento de cartas, narrativas, de diários e comentários desse episódio, que agora vem novamente à tona com a apropriação que a autora faz do fato histórico, mesmo que seu sentido seja subvertido, e que haja a mistura da ficção com os fatos históricos, criando e recriando apenas mais uma leitura alternativa desse passado, dentre tantas outras que poderão existir.

Constata-se em *Cunhataí*, que a referência histórica não tem a finalidade apenas de conferir veracidade ou verossimilhança, mas sim de enfatizar o lado ficcional do texto. Isto é, a própria ficcionalidade do texto já presente no título que apresenta –como em toda a história do enredo– dois lados, assim como ocorre em um espaço de fronteira, com a identidade do personagem Ângelo, com a identidade da própria personagem protagonista, Micaela; pois ao mesmo tempo em que o título se refere ao episódio da Guerra, também já mostra que se trata de um romance –*Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai*. O livro, portanto não foge do contexto da **guerra**, mas também não se deixa furtar em seu caráter ficcional, já explícito desde o início de que se trata de um **romance**.

Pelo breve tempo que nos é concedido, não é possível fazer uma apresentação que contemple toda a análise que a obra nos sugere no âmbito dos estudos literários, por isso, ater-me-ei, nesse momento, na questão do espaço de fronteira no qual aparece os dois personagens citados há pouco: Micaela e Ângelo. Para isso, apresentar-lhes-ei uma breve síntese da narrativa de modo que contemple os dois personagens em questão.

Cunhataí é composto por 406 páginas, constituído por 54 capítulos –aparentemente curtos, e que por sua vez são divididos em três partes. A 1ª parte –subdividida em 17 capítulos– intitula-se O caminho; a 2ª parte –também com 17 capítulos– intitula-se O Território; a 3ª parte –com 20 capítulos– intitula-se A guerra. *Cunhataí* traz a história de Micaela, uma sinhazinha muito aventureira e sonhadora, pertencente à aristocracia da cidade de Campinas, que se apaixona por um espião paraguaio infiltrado nas tropas brasileiras. Por causa desse amor resolve abandonar a aristocracia e infiltrar-se, também, nas tropas que saíram do RJ para libertar Mato Grosso –região que estava tomada pelos paraguaios– percorrendo um percurso que pelas dificuldades, demorou quase dois anos e meio para ser concluído, e que culminou no episódio da Retirada da Laguna.

Ao seguir com a tropa, a personagem principal rompe com a tradição de ter sido destinada apenas como simples prenda doméstica. Já que desafia as convenções partindo em busca de aventuras e passando por muitas dificuldades e privações, o que a faz querer voltar para casa, mas devido a uma série de fatores que aparecem é impedida de realizar o retorno. Período cheio de dificuldades que foram enfrentadas com bravura e isso a leva a fazer o percurso de retorno a si própria, isto é, de seu próprio eu. Assim através da dura realidade, conquista o conhecimento e resgata sua própria identidade. Que pelo sim, pelo não, pode-se dizer que está relacionada e foi retirada de uma canção popular paraguaia conhecida por todos: *Recuerdos de Ipacarai*, de Ortiz e Merkin que diz o seguinte: “*Donde estás ahora, cunhataí que tu suave canto no llega a mi, Donde estás ahora Mi ser te adora com frenesi*”, música essa, tema do encontro amoroso entre Rosália –viúva, personagem coadjuvante a quem é contada toda a história que envolve Micaela e o contexto da Guerra do Paraguai, fato ocorrido em suas terras, propriedade deixada pelo falecido marido. Micaela ainda demonstra não gostar do nome que lhe deram e vivia questionando a mãe sobre o porquê de lhe terem dado aquele nome, ao que a mãe, Dona Glorinha, respondia que era um nome lindo, derivado de São Miguel, um dos anjos protetores e que era o mesmo nome de Sua Majestade, logo, era nome de princesa.

A **primeira parte** intitulada **O Caminho** destina-se a retratar exatamente o que é possível deduzir do significado desse termo: faixa de terreno destinada ao trânsito de um para outro; estrada, vereda, via, trilho, direção, rumo, destino, entre outros. No início há a presença de heteroglossia, pois o romance inicia-se com o registro linguístico de um artigo jornalístico, apresenta cartas, versos, além da prosa, mostrando marcas da modernidade que interfere de modo positivo no desenvolvimento do enredo, com uma linguagem culta. Podemos aliar esse procedimento ao mesmo procedimento utilizado por Dostoiévski em sua obra *Crime e Castigo* e ao utilizado por Lima Barreto em sua obra de estreia *Recordações do escrivo Isaías Caminha*. Ambos se utilizam de fatos reenviados por outro para dar credibilidade e respaldo ao que se diz na narrativa.

Na narrativa estão presentes, também diversas passagens, a transcrição de palavras, trechos, até mesmo diálogos em espanhol, em francês, em italiano, e ocorre também a presença de citações entre aspas o que nos indica um discurso que foi retirado de fontes históricas, que podem ser indicações verdadeiras ou falsas. No caso de *Cunhataí*, essas citações são verdadeiras. Alguns foram retirados dos livros: *A Retirada da Laguna e Memórias* (1946) de Alfredo d’Escagnolle de Taunay Solano Lopez, de Arturo Bray (1945). O artigo jornalístico trata do episódio conhecido sobre a batalha do *Nhandepá* escrito por Coralina S. C. Fernandes, colaboradora especial da *Gazeta Pantaneira*, que vai fluindo suavemente, atraindo o leitor com suas ações verbais no passado e preparando-o para o que virá a ser o romance. Com esse procedimento, torna-se visível o processo intertextual que percorrerá toda a narrativa.

O segundo personagem selecionado é Ângelo, ou melhor, Tenente de Engenharia Ângelo Zavírria de Alencar, filho de pai brasileiro de pura linhagem lusitana e de mãe paraguaia, descendente de espanhóis. Era também fluente nesses dois idiomas e familiarizado com ambas as culturas, tinha o disfarce perfeito para ser um espião paraguaio em terras brasileiras, já que falava bem o idioma. Domiciliado na Corte de D. Pedro II, possuía documentos brasileiros autênticos e frequentara a Escola Militar do RJ por dois anos sob o comando do General Polydoro da Fonseca. Era considerado um membro da família paraguaia do Marechal Francisco Solano López e tornou-se espião, não porque desejasse ou porque tivesse vocação, mas porque não havia nenhum outro. Um espião paraguaio infiltrado às tropas brasileiras, que passava informações sobre a guerra, sobre os equipamentos que o Brasil possuía, enfim, informações sigilosas eram repassadas ao inimigo. Diante dessa situação o espião tinha pesadelos e sonhos aflitivos que o fazia falar e gritar em guarani enquanto dormia, conforme observa-se no trecho em destaque:

Seu país era bilíngüe. Os costumes dos primeiros habitantes da terra se misturaram de tal forma com o dos colonizadores espanhóis que o idioma indígena (...) permanecera vivo como uma segunda identidade (...) cantigas indígenas embalaram o berço do tenente Ângelo Zavírria. Murmuradas pelas amas, assobiadas pelos empregados e cantadas nas rodas de violão e mate quente nas noites enluaradas do Paraguai. A língua que ouvira na mais tenra infância, através do qual estabelecera as primeiras sílabas, fixara-se como a língua *mater* no seu coração. Ângelo, *habituê* das noites parisienses, gostava de xingar e seduzir em francês. Sonhar, só em guarani. E isto poderia ser a sua perdição (...) (Lepecki 2003: 29)

Por medo de ser descoberto, sofria constante pressão e isso explicava o motivo de tantos pesadelos, já que seu objetivo consistia em ouvir sem ser percebido, olhar sem ser visto, interceptar mensagens e observar manobras mantendo um ar desinteressado, colher informações necessárias e enviá-las à sua pátria. Para isso, fez um acordo, sempre que fosse se comunicar enquanto espião amarrava um lenço vermelho no pescoço como forma de ser reconhecido pelos paraguaios em meio à tropa brasileira. Juntamente com esse episódio, é possível perceber toda uma cultura presente nessa região de fronteira, a de se tratarem por meio da farmacopéia nativa: chá de capim-limão, erva-doce, erva-cidreira e tantos outros. Demonstrando também além de um hábito característico da região devido a falta de recursos e extrema distância dos grandes centros, uma relação intertextual com as duas obras do Visconde Taunay: *A retirada da laguna e Inocência*. Sendo assim, Ângelo vivia entre a fronteira de sua própria identidade, meio brasileira, meio paraguaia, em um momento juntava-se aos padres brasileiros, mas rezava pelo Paraguai. Demonstrando um conflito existencial e fronteiriço, não só de território, como também de identidade. Um verdadeiro conflito entre o amor à mulher e à pátria.

Enfim, esse será o grande amor de Micaela, com o qual se casará, mas ele não consuma o ato matrimonial, visto que estava imbuído de arrependimentos por ter utilizado a moça como uma arma de guerra para conseguir os seus objetivos de espião. Apesar de ser um espião e se tornar um marido falso, ele cai na armadilha do amor e em função disso ainda optou por ter escrúpulos. Com esse acontecimento, mais uma vez Micaela demonstra estar em crise consigo mesma, pois sente inveja de Ângelo por ser homem, e sai de madrugada pela janela da pensão, apropria-se do primeiro cavalo e ruma para Taquaral, na casa da madrinha. Nesse momento, começa toda a transformação na vida de Micaela, pois ela resolve ir atrás do amor de sua vida. Tal qual o ocorrido com a personagem Diadorim de Guimarães Rosa. Uma mulher vestida de homem, montada em

um animal, no meio de homens, vestindo roupas de tropeiro. Para obter uma justificativa, para essa nova empreitada, além da amorosa, Micaela resolve colocar em prática os conhecimentos adquiridos através de sua madrinha. Passa a pesquisar as plantas medicinais, suas bases científicas e nomenclaturas em latim. Com isso, ocorre um encontro com o Visconde de Taunay nos campos do sul de Goiás, e o coloca a par de sua procura por ervas medicinais, descobrindo afinidades em comum. Micaela é conceituada por Taunay como sendo a ilustre curandeira da coluna, a quem confia seus desenhos.

Na segunda parte, **O território**, é relatada toda a trajetória e os vestígios da invasão paraguaia, a paisagem devastada, do número de homens e mulheres, crianças e agregados; dos aguaceiros, das trovoadas, das condições climáticas que não ajudavam. As autoridades do Rj que cobravam um bom desempenho das tropas brasileiras o que irritava o Coronel Galvão que dizia: “General de verdade sou eu, que estou aqui! Não sou General de papel” (p.174). Essa era uma crítica aos Generais que ficavam na capital da república sem de fato enfrentarem a guerra, e mais ainda é demonstrado um processo de metalinguagem literária, pois o personagem questiona se a sua existência é real ou inventada, isto é, fictícia.

Na terceira e última parte, **A guerra**, retoma as memórias da narradora Coralina com a narrativa, e relata a morte de Ângelo, o herói e guerreiro que de repente, virou traidor, um espião. Demonstrando toda a dor de Micaela ao perder seu homem, seu amor. “Duplamente viúva: de um traidor brasileiro e de um herói paraguaio” (p. 335). Aqui a forma como o discurso narrativo foi produzido em *Cunhataí* retoma também, de forma implícita, o processo discursivo de *As mil e uma noite*, em que há interrupção dos tempos da história e do discurso em relação à narrativa principal e, ao mesmo tempo, insere-se nela uma outra narrativa encaixada, que se torna suplementar à primeira, pois é, justamente, isso que ocorre quando Coralina começa a contar a história para Rosália e, no meio dessa, a interrupção acontece, situando-as em tempo e espaço diferentes da história outrora interrompida.

Não podendo me estender mais sobre obra tão preciosa que aborda a nossa região de fronteira, encaminho-me para a conclusão, que não chega a ser uma conclusão, mas sim um início de muitas leituras e interpretações sobre um fato histórico de nossa região, e que espero ter despertado em vocês o gosto e o interesse por “*Cunhataí*”. Mas, como em quase todos os finais de história dos romances modernos, o leitor se frustra ao se deparar com as últimas orações que finalizam o romance, visto que ocorre uma quebra de perspectiva do mesmo que, aguardando um determinado tipo de final, depara-se com outro que ainda lhe deixa dúvidas e lhe frustra. Pois, ao ser questionada sobre as minúcias contadas, a resposta de Coralina é a seguinte: “o que a gente não sabe, a gente inventa”. Com isso, confluímos para o ditado popular que diz: “quem conta um conto aumenta um ponto”, o que explicita a questão de que dentro de uma história, tantas outras histórias se fazem presentes. Assim como foi possível utilizar-se da história da Guerra do Paraguai e dentro dela situar a história de Micaela com toda sua aventura, renúncia, busca, perda e reencontro: uma história dentro de outra história, uma vida dentro de outra vida, uma viagem, seu ponto de partida, seu percurso e seu destino, tudo ao mesmo tempo e ao mesmo tempo tudo em tempos distintos, dentro do círculo da própria vida que gira em torno de cada história, seja verídica, ou seja, fictícia. Por isso retomo para encerrar a citação de Edgar Morin (1997), na literatura, “vocês têm a realidade humana na sua plenitude” e o leitor de *Cunhataí*, certamente, a perceberá.

Bibliografia

Barthes, R. Da história ao real. In: *O rumor da língua*. Trad. M. Laranjeiras. S. Paulo: Brasiliense, 1988.

Carvalho, Tânia Franco. *O próprio e o alheio*. Ensaio de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

Coutinho, Eduardo F. *Literatura Comparada na América Latina*. Ensaio. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

Hutcheon, Linda. *A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.